

Contexto

Revista Anual de Estudios Literarios | vol. 30 - n.º 32
e-ISSN: 2610-7902 | e-Depósito Legal: Me2018000066



Rafael Sánchez / De la serie *Intercepciones* / 2024
mixta sobre cartulina - collage / 20 x 20 cm

Rafael Sánchez / De la serie *Intercepciones* / 2024 / Pintura sobre tela / 48 x 44 cm

Artículo

A biblioteca latino-americana Oswald de Andrade La biblioteca latinoamericana Oswald de Andrade The Oswald de Andrade Latin American library

Sebastião Marques Cardoso¹

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

sebastiaomarques@uern.br

Recibido 20-01-2026

Aprobado 27-02-2026

Resumo: Oswald de Andrade (1890-1954) é um autor da literatura latino-americana de expressão em Língua Portuguesa do Brasil. Esse escritor é mais lembrado, especificamente no contexto da história da literatura brasileira, como um ícone do Modernismo [Vanguardas Literárias, na perspectiva crítica hispano-americana], a partir dos anos 20 do século XX. Essa participação de Oswald de Andrade no movimento modernista brasileiro o consolida como um articulador, um intelectual e um escritor que organiza, pensa e cultiva uma literatura que contesta o Ocidente e às elites letradas nacionais. Em face desse enfrentamento político e estético do escritor à colonialidade e às condições particulares nacionais, os estudos brasileiros focam majoritariamente a relação de Oswald com a Europa e também com a situação nacional. Para além disso, quando nos debruçamos sobre os esparsos escritos de Oswald, sobretudo, do Oswald de Andrade como jornalista e memorialista, notamos que o escritor paulista buscou aproximação também com a América Latina e estabeleceu contatos relevantes e talvez muito reveladores de seu percurso de intelectual e de escritor. Isso posto, vamos, neste texto, de forma panorâmica e breve, trazer a “biblioteca” latino-americana de Oswald de Andrade. Assim, propomos, como suplemento à crítica existente sobre o autor, tratar do Oswald de Andrade no quadro da literatura e da política latino-americana a partir de suas próprias fontes.

Palavras-chave: Oswald de Andrade; literaturas Latino-americanas; diálogos Sul-Sul; história e crítica literária do século XX; releituras críticas do Modernismo brasileiro.

1. Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas, com pós-doutorado em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Docente permanente do Departamento de Letras Estrangeiras (DLE-FALA) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). É presidente e membro fundador da Associação de Estudos Pós-coloniais e Decoloniais no ensino, na cultura, nas literaturas e nas artes Sul-Sul (PODES). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2296-3062>.

¿Cómo citar?

Marques, S. “A biblioteca latino-americana Oswald de Andrade”.
Contexto, vol. 30, n.º 32, 2026, pp. 19-38.



UNIVERSIDAD
DE LOS ANDES
DR. PEDRO RINCÓN GUTIÉRREZ
TACHIRA VENEZUELA

Resumen: Oswald de Andrade (1890-1954) es un autor de la literatura latinoamericana en lengua portuguesa, de Brasil. Este autor es recordado, específicamente en el contexto de la historia de la literatura brasileña, como un ícono del modernismo (vanguardias literarias, desde la perspectiva crítica hispanoamericana) a partir de los años veinte del siglo XX. Su participación en el movimiento modernista brasileño lo consolidó como articulador, intelectual y escritor que organizó, pensó y cultivó una literatura que cuestiona al Occidente y a las élites letradas nacionales. Ante este enfrentamiento político y estético del escritor con la colonialidad y las condiciones nacionales particulares, los estudios brasileños se centran principalmente en la relación de Oswald con Europa, así como con la situación nacional. Además, al detenernos en los escasos escritos de Oswald, sobre todo en los de Oswald de Andrade como periodista y memorialista, observamos que el escritor paulista también buscó acercarse a América Latina y estableció contactos relevantes que quizás resulten muy reveladores de su trayectoria como intelectual y escritor. En este texto, presentaremos de forma panorámica y breve la «biblioteca» latinoamericana de Oswald de Andrade. Así, como complemento a la crítica existente sobre el autor, proponemos tratar a Oswald de Andrade en el marco de la literatura y la política latinoamericanas a partir de sus propias fuentes.

Palabras clave: Oswald de Andrade; literaturas latinoamericanas; diálogos Sur-Sur; historia y crítica literaria del siglo XX; reinterpretaciones críticas del modernismo brasileño.

Abstract: Oswald de Andrade (1890–1954) was a writer of Latin American literature in the Brazilian Portuguese language. He is best remembered in Brazilian literary history as a Modernist icon (Literary Avant-garde from a Spanish-American critical perspective) from the 1920s onwards. His participation in the Brazilian modernist movement established him as an intellectual and writer who organized, reflected on, and cultivated a literature that contests the West and national literary elites. Given the writer's political and aesthetic confrontation with colonialism and specific national circumstances, Brazilian studies mainly focus on Oswald's relationship with Europe and the national situation. Furthermore, an examination of Oswald de Andrade's sparse writings as a journalist and memoirist reveals that the São Paulo writer sought to establish ties with Latin America, forging important contacts that shed light on his career as an intellectual and writer. In this text, we will provide an overview of Oswald de Andrade's Latin American 'library'. Therefore, as a supplement to existing criticism of the author, we propose addressing Oswald de Andrade in the context of Latin American literature and politics, based on his own sources.

Keywords: Oswald de Andrade; Latin American literature; South-South dialogues; 20th-century literary history and criticism; critical reinterpretations of Brazilian modernism.

Introdução ou a biblioteca escolar Oswald de Andrade

Em suas memórias, *Um homem sem profissão* (1990), Oswald de Andrade [1890-1954] relembra como foram os seus primeiros contatos com a literatura como leitor e também como escritor iniciante. No âmbito escolar, o perfil de leitor e de escritor começa a se desenhar, através do gosto pela literatura e pela escrita, tendo, como mediador, um professor de literatura que, segundo o próprio Oswald, decidiu, naquele momento, sua vida intelectual e também na tomada de decisão em apostar na carreira como escritor.

Foi nesse período que, certa vez, esse professor, teceu um elogio à vocação literária de Oswald, e pediu, assim, para que Oswald lesse o escritor francês Víctor Hugo, em especial *Os Miseráveis*. Nessa sugestão, percebemos, com isso, uma inclinação maior à questão social da literatura, e que, por sua vez, Oswald, como escritor que iria se tornar, jamais abandonou. Oswald Andrade cultivou e experimentou variadas formas e estilos literários, mas, em todas essas realizações, ora com mais evidência, ora com menos evidência, sempre denunciou a opressão social e sempre usou a forma literária como crítica cultural. Para Oswald, o fazer literário não está desvinculado do fazer ético e do político. Segundo o relato do próprio Oswald, a leitura de Hugo “bateu na tecla íntima” que ele “alimentava em relação à questão social” (Andrade, *Um homem...*, p. 55).

Entretanto, pelo que contam suas memórias, Oswald não foi um “bom” leitor eurocentrado. Ele, desde o princípio, mostrava ser “mau” leitor, no sentido “antropofágico” que o próprio Oswald vai definir anos mais tarde, ou um leitor dissimulado, pois confessa que sabotou certos autores europeus, ainda que os ostentava na sua primeira biblioteca: “Comecei a fazer minha tímida biblioteca, onde coloquei um volume de Júlio Diniz intitulado “Uma família inglesa”, que aliás nunca li” (Andrade, *Um homem...*, p. 55). Essa personalidade livre, dissimulada, irônica e irreverente será também uma de suas marcas na vida artística e intelectual que irá percorrer.

No meio familiar, foi a mãe de Oswald, Inês Henriqueta Inglês de Souza Andrade, que convence o pai, José Oswald Nogueira de Andrade, a subsidiar a educação literária do filho. E, assim, Oswald se torna um frequentador e comprador

da Casa Garraux, uma grande livraria da cidade de São Paulo na época, onde, neste ambiente livreiro, vai conhecer seu futuro editor, José Olympio. Assim, o pequeno leitor Oswald de Andrade vai construindo sua biblioteca imaginária na medida em que vai estreitando laços com o meio editorial ainda incipiente da cidade de São Paulo.

Em síntese, a primeira biblioteca escolar de Oswald de Andrade foi, majoritariamente, composta por literatura ocidental, pois partia da literatura clássica, grega, até chegar às peças de teatro de Shakespeare e de Maurice Maeterlinck. Nesse período, Oswald cita a leitura também de autores tais como Eça de Queirós, Anatole France, Octave Mirbeau e o russo Dostoiévski. Nesta plêiade, aparece como leitura inusitada a referência ao filósofo e poeta alemão Friedrich Nietzsche. Oswald lê *Zaratustra*, de Nietzsche, e *O idiota*, de Dostoiévski, aos 20 anos, no ano de 1910 (Andrade, *Os dentes...*, p. 121). Sua crítica à modernidade/civilização europeia dialoga com os livros que leu e mais valorizou: “O civilizado em geral, e, particularmente, o produto do que denominamos Civilização Ocidental, falhou, e falhou completamente, em todos os sentidos. [...] Inútil é prosseguir na desenfreada carreira para o nada, corrida que só levará para a extinção total e inevitável da espécie” (Andrade, *Os dentes...*, p. 212.). Como um estrangeiro no universo da modernidade que não lhe pertencia, Oswald reforçou sua desconfiança sobre a relevância do Ocidente, lendo os próprios ocidentais, num primeiro momento. A partir daí, para se contrapor à “desenfreada carreira para o nada”, buscou rotas imaginárias alternativas de pensamento e de expressão cultural e artística.

Percorrido o tempo da formação de leitor e de escritor, tendo tido uma vasta trajetória literária consolidada, Oswald considera que Dostoiévski e Nietzsche foram os autores que mais exerceram impacto na sua formação intelectual: “Eu sempre fora um rebelado, um estranho leitor de Dostoiévski, que ligava à prepotência de Nietzsche”. (Andrade, *Um homem...*, p. 78). Dito isso, a formação leitora inicial de Oswald de Andrade foi marcada pela leitura da literatura que vinha do Ocidente. Contudo, percebemos que a relação que Oswald estabeleceu com essa literatura foi mais de conflito do que de veneração pura e simples. E Oswald, ao resumir, na fase madura, o legado dessa leitura, aponta para a contribuição inegável de autores, à sua época, que se rebelaram de forma veemente e corrosiva à modernidade ocidental. Para ele, os livros no geral podem marcar uma certa idade cultural de formação, mas, quando se cristaliza o pensamento, não há mais livros “marcantes”; em vez disso, haverá “bons ou maus livros” (Andrade, *Os dentes...*, p. 121). O escritor já estabelecido se soma aos “bons livros” e critica “os maus livros”, completando o ciclo da tarefa crítica.

Para Oswald, ainda que a leitura possa influenciar a escrita de um autor, o sentimento íntimo de ser escritor não é constituído exteriormente, mas é algo que surge a partir de si: “A gente é escritor porque assim nasce. A produção literária é sempre uma satisfação íntima. Não tenho nenhuma ilusão de glória nem de fortuna. Literatura não dá nada disso no Brasil. Mas a consciência do dever cumprido satisfaz amplamente” (*Os dentes...*, p. 251). Nesse sentido, Oswald não se tornou escritor porque leu inicialmente os ocidentais, porque queria reconhecimento imediato ou porque via ganhos com a literatura. O que o depoimento de Oswald aponta é a natureza opaca da identidade do escritor, uma certa propensão à escrita ou ao fazer artístico que opera de forma independente ao meio, mas em contraste ao meio: o escritor aparece como irrupção de vontade ou potência estética anárquica (sem uma norma ou um padrão definido) ao meio constituído. Essa potência estética anárquica vai se manifestar em variados projetos literários do autor e vai se constituir também, através dos manifestos, na indicação de manuais de insubordinação política, cultural e estética.

Primeiras notas sobre a cartografia literária latino-americana: trânsitos do modernismo brasileiro e às vanguardas literárias latino-americanas

Em entrevista no *Diário de São Paulo*, de dezembro de 1954 (Andrade, *Os dentes...*, p. 250), Oswald de Andrade relaciona a Semana de Arte Moderna, de 1922, com outras realidades literárias na América Latina, em especial, com o campo literário argentino. Nessa relação, lembra de seu contato, inclusive pessoal, com Oliverio Girondo [1891-1967], poeta, escritor e pintor argentino que se ligou ao movimento espanhol vanguardista Ultraísmo, com obras como “Veinte poemas para ser leídos en el tranvía” e “Espantapájaros”. Ele também foi um importante animador do movimento ultraísta, influenciando diversos poetas argentinos da geração seguinte. Na biblioteca pessoal de Oswald, Jorge Luís Borges, um representante do Ultraísmo na Argentina, foi também uma referência literária de grande importância. Machado de Assis, no Brasil, e Borges, na Argentina, constituem para Décio Pignatari duas figuras que ocuparam o espaço “pensamental” latino-americano: o primeiro na América Hispânica e o segundo no espaço brasileiro, em língua portuguesa do Brasil. E, junto a Borges e Machado, a literatura de Oswald também dialoga diretamente com eles, na avaliação crítica de Pignatari (in Andrade, *Um homem...*, p. 9). Borges, Machado e Oswald são identificados pelo crítico como exemplos de “escritores-pensadores”.

Em inícios dos anos 40 do século XX, Oswald de Andrade publica de modo avulso textos sobre assuntos diversos nos jornais locais e, logo depois, os publica em livro em 1945, sob o título *Ponta de Lança*. Um dos textos, “Sol da meia-noite” (p. 81) traz uma discussão bastante pertinente sobre como Oswald de Andrade via a América Latina e sua possível relação com a Europa daquele momento. A vitória sobre o nazifascismo criou uma expectativa de ventos libertários pela América Latina: “Pela liberdade, nós também, os da América, somos capazes de dar vida. Toda a história rica, dramática e colorida na América Latina, está coriscada de gestos libertários” (Andrade, *Ponta de Lança*, p. 84). No entanto, mais adiante, Oswald adverte que essa América Latina tem sido vítima de *complots* imperialistas que atrasam o progresso humano e impedem o desenvolvimento pleno das civilizações do Sul. Diante desse cenário, a guerra europeia serviu, segundo Oswald, como motor para impulsionar no intelectual latino-americano a continuidade e o desfecho das lutas de libertação do Sul.

Nesse sentido, o escritor-pensador latino-americano devia dirigir o seu olhar para a América Latina e, através de variados modos de interação nessa zona, criar vínculos de imaginação e de engajamentos políticos que pudessem conduzir todo o continente Sul rumo à emancipação cultural, política e econômica. Para Oswald, ainda que tivesse havido a derrota nazifascista, o Sul poderia contribuir na educação europeia, sob pena da volta dessas mesmas correntes ocidentais de pensamento: “A Alemanha racista, purista e recordista precisa ser educada pelo nosso mulato, pelo chinês, pelo índio mais atrasado do Peru ou do México, pelo africano do Sudão” (Andrade, *Ponta de Lança*, pp. 83-84). A perspectiva de Oswald, neste trecho, não se confunde com a ideia de “democracia racial” (Gilberto Freire), aliás, em evidência no período, mas no próprio constructo que Oswald de Andrade defendia: a antropofagia cultural. Na ideia de “mulato” existe essa inscrição de mistura e de relação que não admite pureza alguma ou qualquer fechamento de pensamento. De outro modo, uma civilização sem metafísica e natural poderia ensinar o sujeito a ser livre e não cair novamente no totalitarismo das ideias, pois a contribuição da educação indígena que o escritor paulista percebeu no Sul (*Os dentes...*, p. 182), por exemplo, ensina a pensar à céu aberto e em sintonia com a natureza: “precisamos [...] desvespuciar e descolombizar a América [...]. Os índios eram sereníssimos, absolutamente ametafísicos” (Andrade, *Os dentes...*, p. 182). Isso posto, o sujeito descolonizado do Sul serviria, assim, como bússola e complemento às lutas de libertação do Norte e, de igual modo, as lutas que derrotaram o nazifascismo se somariam como complemento às lutas do Sul.

A educação pelos do Sul passaria, pelo viés da teia de Oswald, desde a interação inicial com Gironde até chegar em Pablo Neruda [1904-1973]. Nesse intervalo, podemos destacar na biblioteca Oswald de Andrade os seguintes autores: o cubano Nicolás Guillén Batista [1902-1989], a chilena Gabriela Mistral [1889-1957], o espanhol estudioso do campo latino-americano Juan Uribe Echevarría [1908-1988], a argentina María Rosa Oliver (María Rosa Lucía Oliver Romero, 1898-1977), o argentino Ricardo Güiraldes [1886-1927], o venezuelano Rómulo Gallegos Freire [1884-1969], o colombiano José Eustasio Rivera [1888- 1928] e o mexicano Mariano Azuela [1873- 1952]. As referências e citações esparsas de Oswald de Andrade sobre os autores elencados que acabamos de destacar acima são diversas e não correspondem à mesma atenção dada pelo autor para cada um deles. Alguns autores, como Oliverio Gironde e Pablo Neruda têm, textualmente, mais citações e comentários na crítica e na memória de Oswald. Os demais figuram mais como referências de ocasião ou para ilustrar uma rápida opinião. A seguir, trataremos dos principais autores hispano-americanos, Gironde e Neruda, que mais ocuparam a imaginação de Oswald no contexto latino-americano e, com relação aos menos citados, vamos apenas localizá-los e contextualizá-los brevemente na sua esparsa produção jornalística.

Notas sobre as literaturas latino-americanas no discurso crítico de Oswald de Andrade: passagens

Na coluna “Telefonema”, publicada em agosto de 1953, no jornal *Correio da Manhã* de São Paulo, Oswald de Andrade, através de sua capacidade de síntese e ironia, que lhe era habitual, supera a ideia de cronista superficial na crítica da cultura e da política do momento. O que percebemos é uma tomada de consciência instantânea sobre algo, sobre algum grupo ou mesmo algo de si mas, logo, descontinuado em textos seguintes. Essa ocasionalidade registrada não diminui, entretanto, a importância dos *insights* oswaldianos, dada a peculiaridade de pensamento que o caracteriza: imagético, instantâneo, sintético e contingente. Foi, nesta circunstância, que Oswald trouxe ao contexto brasileiro a figura do poeta Nicolás Guillén Batista.

Ao relatar a inauguração de um novo salão literário na cidade de São Paulo, Oswald de Andrade comenta que o salão, na sua programação, visa receber escritores e poetas tanto nacionais quanto estrangeiros. E um dos estrangeiros

recebido pelos anfitriões Carmen Dolores e o escritor Mário Donato foi o poeta afro-cubano Guillén: “Assim, Nicolas Guillén foi hóspede do casal num coquetel” (Andrade, *Telefonema*, p. 388). Essa eventualidade da passagem de Guillén à cidade de São Paulo constituiu um motivo para Oswald avaliar a situação da literatura feita no Brasil daquele momento e, ao mesmo tempo, sugerir a leitura do poeta cubano, inclusive, como uma inspiração para a escrita literária nacional. Sobre a literatura nacional, Oswald aponta nesta crônica, intitulada “Um salão”, que gerações de escritores brasileiros estão representados nesse novo espaço. Junto à geração dos modernistas de 22 que resistem, e o próprio Oswald se inclui nessa geração, ele, com sua ironia fina, alega que ali os “franguinhos de Orfeu” também frequentam. Oswald chama de “franguinhos” os escritores mais recentes alinhados à corrente literária ainda ligada a Revista Orpheu, periódico luso-brasileiro que, no passado, expressou o modernismo português.

A literatura de Nicolás Guillén traz um componente de renovação estética para a América Latina que chama a atenção de Oswald, em contraste com os “franguinhos” eurocentrados brasileiros. No livro de poemas *El son Entero*, publicação de 1947, Guillén afirma a beleza e a resistência do povo cubano diante da luta contra o colonialismo, como podemos perceber através das estrofes no seguinte recorte:

El hombre de tierra adentro
está en un hoyo metido,
muerto sin haber nacido,
el hombre de tierra adentro.
Y el hombre de la ciudad,
ay, Cuba, es un pordiosero:
anda hambriento y sin dinero,
pidiendo por caridad,
aunque se ponga sombrero
y baile en la sociedad.
(Lo digo en mi son entero,
porque es la pura verdad.)

Hoy yanqui, ayer española,
sí, señor,
la tierra que nos tocó,
siempre el pobre la encontró
si hoy yanqui, ayer española,
¡cómo no!
¡Qué sola la tierra sola,
la tierra que nos tocó! (Guillén, p. 4).

A poesia de Guillén localiza o sujeito latino-americano, dá-lhe expressão e denuncia a opressão que vem de fora. Essa literatura, sem abandonar o gosto estético, exige eticamente uma posição política do leitor, e segue a mesma linha de uma literatura de crítica social presente também na literatura de Jorge Amado feita à época e do romance de 30 do Nordeste Brasileiro, tendo Graciliano Ramos, talvez, como um dos maiores expoentes dessa literatura. Desse modo, as literaturas do Sul, aqui Sul como metáfora geopolítica e mental que se diferencia dos povos do Norte (brancos, colonizadores e cristãos), podem dialogar, redenominando paisagens e seres dentro de seu próprio espectro.

No livro *Ponta de Lança*, Oswald de Andrade afirma que a América Latina produziu dois grandes poetas: Guillén e Neruda (p. 85). Essa avaliação coloca Guillén, juntamente com Neruda, como um dos autores favoritos de sua biblioteca, que foi influenciado tanto quanto Oswald pelas vanguardas europeias dos anos 20, e que, mesmo assim, não perdeu de vista a vida e a expressão local, como a hibridez da formação étnica do lugar, a identidade nacional de seu país e a sensibilidade às desigualdades sociais. Convém ressaltar que Oswald tinha um interesse também pela questão do negrismo e da negritude. Os escritores latino-americanos, sob denominações diversas, tais como poesia afro-cubana, poesia afro-antilhana, poesia negra, poesia mulata, poesia negróide ou mesmo poesia negrista decantaram a poesia negrista e impulsionaram, guardadas as proporções, a negritude na América Latina.

Nessa ocasião, Oswald de Andrade procurou pontuar as diferenças entre uma arte negra de olhar europeu —negrismo— e uma arte negra —negritude— feita por negros ou por escritores em espaços mestiços:

Em 1923, ao proferir uma conferência na Sorbonne, Oswald de Andrade constata que, se para o europeu o negro não passa de um elemento exótico, para os brasileiros “o negro é elemento realista”. Poucos anos depois, o crítico uruguaio Alberto Zum Felde (1889-1976) faria afirmação semelhante: “[...] o negro é exótico na França, mas aqui na Prata, ele é nativo; é tão nativo daqui quanto o índio ou o gaúcho” (Jorge Schwartz, p. 580).

Diante da realidade latino-americana, vemos que a pauta do negrismo é questionada e deslocada pelos intelectuais do Sul, e começa haver um apoio e uma compreensão cada vez maior para as manifestações de uma literatura identificada à negritude, propriamente dita.

De volta ao texto de *Telefonema*, agora datado em 1946, Oswald de Andrade traz Gabriela Mistral:

(De São Paulo) — Nunca consegui encontrar Gabriela Mistral. Toda vez que a procurei em Niterói ela estava em Petrópolis e quando subia a serra para vê-la ela atravessa a baía. A poetisa morou na Itália, eu também. E lá também nunca nos vimos.

Mas agora, a propósito justamente da Itália, nosso encontro foi perfeito. Ela talvez esteja em Stockolmo recebendo o Prêmio Nobel e eu nesta São Paulo grevista que terminou o ano sem bondes nas ruas. Mas o seu grito chegou até aqui. É um grito mais que humano, é um grito humanista. Gabriela Mistral quer salvar a Itália e socorre-se das vozes dos intelectuais, dos escritores e dos artistas, para uma campanha que suste não o castigo destinado com justiça ao fascismo, mas o que dele possa resultar de ruinoso para a terra de Giordano Bruno. (Andrade, *Telefonema*, pp. 127-128).

Oswald comenta a capacidade de Gabriela Mistral falar de uma Europa, mais notadamente da Itália, recém saída do fascismo. Para Oswald, ela foi uma ótima interlocutora dos intelectuais humanistas e uma grande representante das vozes do Sul. Em outra ocasião, agora sobre o início da carreira diplomática do poeta brasileiro Vinicius de Moraes nos Estados Unidos, Oswald lembra que, em Los Angeles, Vinicius poderá conhecer Gabriela Mistral, certamente em posto diplomático do Chile no mesmo país: “Vai para Los Angeles, onde estará ao lado de

uma outra grande expressão da literatura latino-americana — Gabriela Mistral”. (Andrade, *Telefonema*, p. 167). Essa citação corresponde, num confronto de datas, a um texto escrito meses depois de Oswald ter conhecido pessoalmente Gabriela Mistral na Itália.

Ponta de Lança, livro que reúne artigos e conferências de Oswald de Andrade escritos durante 1943 e 1944, traz, para o crítico Mario da Silva Brito, um Oswald de “inteligência perturbadora, intranquila, inconformada e rebelde” (p. 26). E essa inteligência inquieta está motivada também em “abrir horizontes para o descortino de uma civilização mais humana, fraterna e justa, aqui [no Brasil] e lá fora” (p. 26). Ou seja, Oswald busca a integração de todas as inteligências e artes do mundo na construção de uma alternativa ao mundo ocidental. E sua reflexão se aprimora quando, no artigo “Sol da Meia-noite” (Andrade, *Ponta de lança*, p. 81) faz um juízo crítico da Europa no momento e se volta para a América Latina:

Nada podemos esperar da Europa europeia, para onde vivemos por tanto tempo voltados, com a luz de Paris em nossos espíritos. Foi uma época que terminou. Tínhamos pelo latino-americano um desprezo que participava do conhecimento de nós mesmos, de nossos pobres recursos civilizados, perdidos no esmagamento de uma fiança torpe ligada à fome dos imperialismos (Andrade, *Ponta de lança*, p. 85).

Na nova cartografia latino-americana, além de Guillén, Mistral, Gironde e Neruda, Oswald de Andrade vai lembrar *en passant* de alguns outros. O conhecimento de Oswald de Andrade sobre a literatura hispano-americana nos anos 40 poderia ser bastante limitado, em face, justamente, daquilo que o próprio Oswald acusava na intelectualidade brasileira. Suas relações com a América Latina ocorriam, entretanto, em face de sua atividade de jornalista, de escritor e como alguém que podia viajar à Europa, e lá, na Europa, poder se encontrar com diferentes escritores do Sul também de passagem. Ainda que o escritor paulista raramente tenha viajado pelos países da América Latina, salvo exceção, para o Uruguai, é provável que Oswald tenha se interessado pela América Latina justamente por sua carreira profissional e por sua condição de escritor.

Par além desse conhecimento através das relações que Oswald de Andrade mantinha no meio jornalístico e literário com os autores hispano-americanos, é

possível que Oswald tenha utilizado também o livro *La novela de la revolución mexicana y la novela hispanoamericana actual*, de 1936, de Juan Uribe Echevarría como uma de suas referências. Esse pesquisador e escritor chileno, mas nascido na Espanha, pode ter sido uma referência importante no interesse de Oswald de Andrade em conhecer mais profundamente a literatura hispano-americana: “A presença de um escritor como o chileno Juan Uribe (Juan Uribe Echevarría), que está entre nós, basta para nos dar uma ideia do que representa a cultura nova da América Latina” (Andrade, *Ponta de Lança*, p. 85). Outros autores vão figurar na lista de Oswald, com suas respectivas obras: Ricardo Güiraldes, com *Don Segundo Sombra* (1926); Rómulo Gallegos, com *Doña Bárbara* (1929); José Eustasio Rivera, com *La Vorágine* (1924), e Mariano Azuela, com *Los de Abajo* (1915). Para finalizar, Oswald considera também a importância de María Rosa Oliver (María Rosa Lucía Oliver Romero) no contexto latino-americano, como uma das intelectuais e escritoras que representam a nova América.

Oliverio Girondo e o movimento de vanguarda literária argentino

Do período modernista de Oswald de Andrade, Oliverio Girondo foi um interlocutor e um autor latino-americano que Oswald teve muita proximidade, como confessa em entrevista em *Os dentes do dragão*: “— Tivemos nessa época [do movimento modernista] o Oliverio Girondo, meu amigo pessoal. [...] Na argentina houve ainda o *Martin Fierro* [periódico do grupo modernista argentino], mas de caráter nacionalista, sem a extensão da rebeldia brasileira” (Andrade, p. 250). Na avaliação de Oswald, o movimento modernista brasileiro foi mais abrangente e aberto ao contexto latino-americano, e o argentino Girondo foi, supostamente, percebido por Oswald como um intelectual e escritor que soube “abrasileirar-se”, ou seja, que conseguiu traduzir as expectativas de um amplo e diverso campo de experiências estéticas e de pensamentos a partir da América Latina, tendo, inclusive, o espaço da cultura brasileira como *locus* de representação.

Da presença de Girondo no Brasil, poeta conhecido por ter contribuído na trajetória de periódicos importantes argentinos com as propostas do Ultraísmo, podemos destacar, como ilustração, uma forma poética de vanguarda retirada de seu primeiro livro, *Veinte poemas para ser leídos en el tranvía* (1922), onde as almas brasileira e argentina se misturam para expressar uma identidade latino-americana:

Rio de Janeiro

La ciudad imita en-cartón, una ciudad de pórfido.

Caravanas de montañas acampan en los alrededores.

El “Pan de Azúcar” basta para almibarar toda la bahía...

El “Pan de Azúcar” y su alambre carril, que perderá el equilibrio por no usar una sombrilla de papel.

Con sus caras pintarrajeadas, los edificios saltan unos encima de otros y cuando están arriba, ponen el lomo, para que las palmeras les den un golpe de plumero en la azotea.

El sol ablanda el asfalto y las nalgas de las mujeres, madura las peras de la electricidad, sufre un crepúsculo, en los botones de ópalo que los hombres usan hasta para abrocharse la bragueta.

¡Siete veces al día, se riegan las calles con agua de jazmín!

Hay viejos árboles pederastas, florecidos en rosas té; y viejos árboles que se tragan los chicos que juegan al arco en los paseos. Frutas que al caer hacen un huraco enorme en la vereda; negros que tienen cutis de tabaco, las palmas de las manos hechas de coral, y sonrisas desfachatadas de sandía.

Sólo por cuatrocientos mil reis se toma un café, que perfuma todo un barrio de la ciudad durante diez minutos.

Río de Janeiro, noviembre, 1920 (Girondo, p. 48).

O poema acima, altamente imagético, elabora uma pintura viva da paisagem do Rio de Janeiro, com todas as coisas juntas: montanhas, o Pão de Açúcar e seu trilho, os prédios e as palmeiras ao redor, o sol e consequentes metonímias de mulheres e homens, águas e cheiros diversos, crianças e indivíduos negros. Tudo isso, reunido em movimento, em cores e cheiros, constituem a paisagem visual carioca. Nesse poema, o “gaúcho perfeito”, como Oswald definiu Gironde certa vez, faz um quadro vibrante da vida latino-americana, em especial, da particularidade brasileira.

Nesse sentido, ou seja, levando em consideração a confluência de tendências estéticas e políticas entre os autores, Oswald afirma: “Oliverio Gironde é um mosqueteiro de 22. Enquanto nós aqui fazíamos a *Semana* turbulenta [...] — Gironde e seus companheiros de *Martín Fierro* levavam a alma autêntica da Argentina para os mesmos rumos expressionais donde sairia a fala nova” (Andrade, *Ponta de Lança*, p. 85). Essa avaliação de Oswald de Andrade indica que a *Semana* de 22 e o movimento vanguardista argentino guardam pontos em comum e que Oswald estava bastante atento a isso.

Para Jorge Schwartz, Gironde foi, juntamente com Jorge Luis Borges, Macedonio Fernández e Ricardo Güiraldes, um dos autores argentinos mais importantes produzidos a partir das revistas de vanguarda argentinas dos anos 20, do século XX (p. 201).

De todas as revistas dos anos 20, a mais importante foi sem dúvida *Martín Fierro* (1924-1927), pela fecundidade de suas polêmicas, pela introdução e valorização do novo, pela difusão nacional e internacional do periódico, enfim, por ter ajudado a criar a “nova sensibilidade” numa época em que, como afirmou Gironde, “aqui no sucede nada” (Schwartz, p. 203).

Assim propuseram as revistas literárias argentinas, como as brasileiras da época: sair do provincianismo literário e de pensamento, e buscar um diálogo mais amplo com as tendências mais contemporâneas que visavam o reforço da expressão e da representação das comunidades latino-americanas.

Após o período modernista da fase de 22, Oswald de Andrade estreita os laços com Gironde, e vê cada vez mais confluências estéticas e políticas com o escritor argentino:

Agora mesmo, acabo de levar à estação o casal argentino Oliverio Gironde. E nesse gaúcho perfeito, como em sua suave companheira Nora[h] Lange, senti que os intelectuais conseguem nas horas de suspeição estender os braços por cima dos interesses oportunistas. Outro seria o panorama americano, se conhecêssemos melhor as letras que produzimos, numa mesma expressão de virilidade nova e de terra acordada e num secular anseio de libertação” (Andrade, *Ponta de lança*, pp. 84-85).

No trecho acima, Oswald reforça o grau de simpatia e de confluência de perspectivas estéticas e políticas com o autor argentino em visita ao Brasil. Em 1943, recém-casado com Norah Lange, Gironde passa por 6 meses no Brasil, e, certamente, o relato de Oswald diz respeito a essa estadia do poeta e pintor argentino aqui no país. Futuramente, depois de ter passado uma temporada na Europa, Gironde, em 1954, visitará o Chile, por ocasião do aniversário de 50 anos Pablo Neruda.

Pablo Neruda e os novos rumos da literatura latino-americana

Em *Estética e Política*, no texto “O poeta e o trabalhador” (pp. 86-87), Oswald de Andrade presta homenagem a Pablo Neruda, pela passagem por São Paulo, em 1945. Nesse artigo, Oswald salienta que a poesia de Pablo Neruda representa uma mensagem de paz, e não a revolta ou uma oposição frente à sociedade. Como pano de fundo, nota-se a vitória soviética na recente guerra europeia. Diante disso, Oswald procura apoiar a afirmação da presença do intelectual comunista como um sujeito pacificador e desprendido, que entrega ao leitor “proletário” algo mais que as suas próprias riquezas culturais e as suas próprias “experiências vital e poética” (Andrade, *Estética e política*, p. 86).

Tomando Neruda como referência, Oswald salienta que a luta daquele momento presente não é mais entre exércitos, com granadas e tanques de guerras reais numa luta campal e mortal, mas agora no empenho da palavra, na luta pelo povo tendo a poesia como arma para trazer a pacificação permanente e uma nova hegemonia, e reforça: Neruda “representa a luta, a luta pelo povo, a luta ao lado do povo” (Andrade, *Estética e política*, p. 86.). Para Oswald, o momento pós-guerra era o momento ideal para a libertação da expressão dos oprimidos e Neruda era um poeta a ser reverenciado, amado e seguido.

Assim, o campo do poeta comunista é visto como o campo privilegiado da ideologia, enquanto ainda persistir “as nódoas infames do fascismo” (Andrade, *Estética e política*, p. 86), como bem disse Oswald acerca de Neruda: “os seus versos, que são as suas granadas, rebentaram na face miserável dos tiranos, fazendo-lhes ver que a guerra ideológica continua e continuará no mundo [...]” (Andrade, *Estética e política*, p. 86). Isso posto, a poesia de Neruda significa, para Oswald, a fraternidade, a defesa do pão e do trabalho, valores caros tirados da experiência da guerra recente de então.

E o esforço do poeta agora é fazer com que a cultura se integre unicamente à expressão do “proletariado”, servindo como polo às ciências, às artes e às literaturas. Oswald recorda que o poeta já não pode trabalhar só ou ficar isolado, que é importante, tal como Picasso, na Europa, Neruda, na América Latina, estar vinculado ao partido político, de orientação socialista, e aos interesses da classe trabalhadora. Enfim, Oswald cria uma nova imagem do poeta que se identifica com a práxis política e Neruda sintetiza a inscrição desse novo estatuto ao poeta no tempo imediatamente pós-guerra: a figura do “poeta trabalhador”. Importante ressaltar que Neruda foi, em 1945, eleito senador pelo Partido Comunista do Chile e foi também o ano em que recebeu o Prêmio Nacional de Literatura do Chile. No mesmo ano de 45, aqui no Brasil, Carlos Prestes foi eleito senador pelo PCB (Partido Comunista Brasileiro), e Neruda irá estabelecer e aprofundar seus contatos com Prestes em face da conjuntura política da América Latina daquele momento.

A propósito da visita do poeta chileno ao Brasil, Neruda dedica um poema a Luís Carlos Prestes. Segue seleção de um trecho do poema como registro:

Dicho en Paecaembú (Brasil, 1945)

Hoy también desde todos los rincones
de nuestra América, desde México libre, desde el Perú sediento,
desde Cuba, desde Argentina populosa,
desde Uruguay, refugio de hermanos asilados,
el pueblo te saluda, Prestes, con sus pequeñas lámparas
en que brillan las altas esperanzas del hombre.

Por eso me mandaron por el aire de América,
para que te mirara y les contara luego
cómo eras, qué decía su capitán callado
por tantos años duros de soledad y sombra.

Voy a decirles que no guardas odio.
Que sólo quieres que tu patria viva.

Y que la libertad crezca en el fondo
del Brasil como un árbol eterno (Neruda, *Canto general*, p. 187).

Dito no Pacaembu (Brasil, 1945)

Também hoje, de todos os rincões
da nossa América, do México livre, do Peru sedento,
de Cuba, da Argentina populosa,
do Uruguai, refúgio de irmãos asilados,
o povo te saúda, Prestes, com suas pequenas lâmpadas
em que brilham as altas esperanças do homem.

Por isso me mandaram, pelo vento da América,
para que te olhasse e logo lhes contasse
como eras, que dizia o seu capitão calado
por tantos anos duros de solidão e sombra.

Vou dizer-lhes que não guardas ódio.
Que só desejas que a tua pátria viva,

E que a liberdade cresça no fundo
do Brasil como árvore eterna (Neruda, *Canto Geral*, p. 173).

No poema, publicado no livro *Canto Geral*, Prestes é chamado por Neruda de "claro capitão". Esse poema foi lido pelo poeta chileno no ano de 1945, no estádio do Pacaembu, em São Paulo, por ocasião da saída de Prestes da prisão. Prestes esteve preso, no Rio de Janeiro, de 1936 a 1945, na era de Getúlio Vargas, por ser líder da Aliança Nacional Libertadora (ANL).

O envolvimento de Oswald de Andrade com movimentos e partidos de esquerda da América Latina ocorre a partir da relação do escritor com Pagu (Patrícia Galvão), quando esta retorna da Argentina com panfletos e livros sobre o comunismo. Oswald disse, nessa ocasião, que Pagu trouxe a "novidade do comunismo" (Andrade, *Os dentes...*, p. 234). No ano de 1931, Oswald de Andrade se engaja no PCB (Partido Comunista Brasileiro) e, juntamente com Pagu, fundam o periódico "O Homem do Povo" — todos os artigos desse periódico foram publicados em livro *a posteriori*, com título homônimo *O Homem do Povo* (2009). Nesse jornal, o casal Oswald/Pagu destila uma ácida crítica à elite paulista e incita o povo a tomar consciência de classe e a se contrapor à ordem de poder vigente.

Considerações finais

Na parte introdutória do presente texto, nós fizemos um levantamento bibliográfico das próprias memórias de Oswald de Andrade acerca de suas primeiras leituras literárias e filosóficas. Notamos que a formação inicial de Oswald foi basicamente eurocentrada e, por vezes, euroasiática — tendo aí a literatura russa grande importância e repercussão duradoura na formação intelectual e artística do autor. Da experiência com a leitura da literatura do Ocidente, Oswald, como confessou, aprendeu a distinguir os "maus livros" dos "bons livros", o que conferiu a ele um posicionamento crítico mais elaborado e uma consciência estético-política mais consequente.

E foi, sobretudo, com o contato com os escritores latino-americanos, já em sua fase de engajamento intelectual e artístico, que Oswald soube, primeiramente, evidenciar a sua diferença de modo mais consciente, juntamente com a geração literária nacional que representava, em relação às outras manifestações literárias e políticas do hemisfério sul, e, em segundo lugar, Oswald acentuou e aprofundou a sua ruptura estética e política frente à cultura ocidental. Para Oswald, a missão do escritor latino-americano, depois da tomada de sua consciência local, consiste em criar, no plano da política e das artes, as situações para a "descolombização" do poder, do saber e do ser no imaginário latino-americano. E, a partir dessa mobilização estético-política, contribuir também para "mulatizar", ou seja,

“crioulizar” na perspectiva de Édouard Glissant (*Introdução a uma poética da diversidade*, 2005) a cultura ocidental, para que esta não se incline politicamente cada vez mais aos imperativos racistas e belicistas, como historicamente tem sido a prática desde o período da colonização.

Ao percorrer os textos jornalísticos, depoimentos e entrevistas esparsas de Oswald de Andrade, retomamos e ilustramos os principais nomes da literatura latino-americana com os quais Oswald teve contato direto e, por vezes indireto. Participaram dessa lista Oliverio Girondo, Gabriela Mistral, Nicolas Guillén e Pablo Neruda, para ficar aqui com os principais nomes mais apreciados e admirados pelo autor. Esses autores compuseram, a nosso ver, as referências latino-americanas mais fortes no imaginário de Oswald como a figuração do escritor-pensador engajado do continente Sul. Como Oswald, a partir do contexto latino-americano, esses autores souberam propor uma literatura renovada, viva e empenhada na reformulação de uma expressão estética local que pontuava tanto a diferença latino-americana quanto a resistência política face ao Ocidente.

Concluindo, mostramos nesse artigo, incipiente e necessitando ainda de maiores ajustes e aprofundamentos, a biblioteca latino-americana de Oswald de Andrade, ou seja, um conjunto de referências e contatos do autor com autores e obras da América Latina. Ao fazermos isso, pensamos em ter mostrado uma face do autor pouco vislumbrada na crítica nacional — pois está mais voltada às relações Norte-Sul da crítica —, e ter instigado a olhar Oswald de Andrade mais pelo viés Sul-Sul da crítica. A nosso ver, esse deslocamento do olhar crítico ajudou-nos a compreender melhor as aspirações, os conflitos e as tênues relações de pertencimento compartilhadas entre os escritores latino-americanos na busca de uma expressão literária comum ao continente Sul e numa autonomia de pensamento diante do Ocidente.

Referências

- Andrade, Oswald de. *Os dentes do dragão: entrevistas*, Globo, 1990.
- Andrade, Oswald de. *Estética e política*, Globo, 1992.
- Andrade, Oswald de. *Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe*, Globo, 1990.
- Andrade, Oswald de. *Ponta de lança*, Globo, 1991.
- Andrade, Oswald de. *Telefonema*, Globo, 1996.

- Andrade, Oswald de, e Patrícia Galvão (criadores e diretores). *O Homem do Povo*. Coleção completa e fac-similar – de março de 1931 a abril de 1931. Globo, 2009.
- Brito, Mario da Silva. “Oswald, democracia e liberdade”. *Ponta de lança*, Globo, 1991, pp. 23-27.
- Girondo, Oliverio. *Veinte poemas para ser leídos en el tranvía*. 1922. Oliverio Girondo: *Obra completa*, Editorial Losada, 1996, pp. 37-64.
- Glissant, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução de Enilce A. Rocha, Editora UFJF, 2005.
- Guillén, Nicolás. *El son entero*. 1947. Biblioteca Virtual Universal, 2023.
- Neruda, Pablo. “Dicho en Paecaembú (Brasil, 1945)”. *Canto general*, Editorial Losada, 1955, p. 187.
- Neruda, Pablo. “Dito no Pacaembu (Brasil, 1945)”. *Canto Geral*, tradução de Paulo Mendes Campos, Círculo do Livro, s. d. [s. f.], p. 173.
- Schwartz, Jorge. “Negrismo e negritude”. *Vanguardas latino-americanas: Polêmicas, manifestos e textos críticos*, Iluminuras/FAPESP, 1995, pp. 579-604.